

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

Aos 85 anos, a eterna presidente de honra da Portela revitaliza o Cafofo da Surica e terá sua trajetória apresentada em série documental

Tudo azul com Tia Surica

Por AFFONSO NUNES

Quando Iranette Ferreira Barcellos pisou pela primeira vez no barracão da Portela, aos quatro anos de idade, levada pelos pais, ninguém poderia imaginar que aquela menina se tornaria uma das figuras mais emblemáticas do

samba carioca. Mais de oito décadas depois, Tia Surica, como é carinhosamente conhecida, vai ser tema de uma série documental que terá episódios gravados em Portugal. A viagem, programada para o próximo anos, consagra uma história de amor e devoção ao samba, à Portela e à cultura afro-brasileira. Continua na página seguinte



Uma feijoada que já deu **muito samba**

Cantada em verso e prosa, a feijoada da Tia Surica é um patrimônio da Portela, do Rio e do Brasil

A conexão entre Tia Surica e a gastronomia é cantada em prosa e verso. Sua feijoada, servida tradicionalmente no Cafófo da Surica, em Oswaldo Cruz, e, ocasionalmente, em eventos realizados no Teatro Rival Petrobras, foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio de Janeiro. O espaço, que já recebeu personalidades como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está atualmente em processo de reforma para melhor acomodar as rodas de samba que se tornaram referência na região, um espaço de música, culinária e resistência cultural.

Nascida em 17 de novembro de 1939, Tia Surica completa 85 anos nesta segunda-feira (17) com uma energia que desafia o tempo. Sua história com a Portela começou na infância e se consolidou ao longo de seis décadas de dedicação e amor à escola. Em 1966, ela escreveu um capítulo fundamental na história do carnaval carioca ao se tornar a primeira mulher a interpretar um samba-enredo na avenida. O samba “Memórias de Um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola, ganharia uma interpretação histórica. “A potente voz da Jovem intérprete Surica empolgava os componentes e o público. Sob fortes aplausos, a bateria, as baianas e os passistas portelenses deixaram a avenida sonhando com mais um campeonato. A apresentação não deixava dúvidas de que a Portela era forte candidata ao título”, descreve a escola em seu site oficial ao comentar a histórica conquista de 1966, cujo verão foi marcado por fortes chuvas que maltrataram toda a cidade.

O feito, que hoje pode parecer natural, representou uma ruptura significativa em um universo tradicionalmente dominado por homens. A ideia veio de Natal, o grande comandante da Portela naqueles tempos. “Eu estava ensaiando com as pastoras e o falecido Natal me chamou: ‘Vem cá, pequena. É você quem vai puxar o nosso samba na avenida’. E eu respondi ‘mas eu, seu Natal? Eu já estou com a roupa da minha ala pronta’. E aí ele disse que com aquela roupa não poderia ser porque os jurados iriam achar que me tiraram da ala para puxar o samba. Aí ele falou com o falecido Jaburu que me levou na Seda Moderna para fazer uma nova roupa. E assim fui pra avenida ser campeã com o samba do Paulinho da Viola”, disse a matriarca ao Correio da Manhã.

Tia Surica, que já havia passado pelas pastoras e a ala das baianas da escola, passou também a ser cantora. Mas sempre avisa que só canta os sambas dos compositores de sua escola de coração. Tal envolvimento com a azul e branco de Oswaldo Cruz a conduziria à Velha Guarda, o

grupo que cultua as tradições portelenses e do qual faz parte desde 1980. “Eu estava morando em São João de Meriti e o Manacéa estava me procurando. Quando nos encontramos, ele me convidou para entrar na Velha Guarda, onde estou até hoje”, recorda.

Décadas depois, em 2022, Tia Surica voltou a fazer história ao assumir a presidência de honra da escola, cargo que ocupou até 2025, sendo novamente a primeira mulher a alcançar essa posição.

A trajetória artística de Tia Surica também é marcada por conquistas tardias que demonstram sua determinação. Ela lançou seu primeiro disco, “Tudo Azul”, em 2003, quando já estava próxima dos 60 anos. O álbum, produzido pelo selo Fina Flor, reuniu composições de mestres da Portela como Monarco e Chico Santana, consolidando seu papel não apenas como intérprete, mas como

guardiã de um repertório que atravessa gerações. Sua discografia solo inclui outros três álbuns sem contar suas gravações com a Velha Guarda e colaborações com Marisa Monte, Zeca Pagodinho, Zélia Duncan, Alcione, Beth Carvalho e Paulinho da Viola.

Protagonismo

Tia Surica representa uma linhagem de mulheres negras que, apesar das adversidades impostas pelo machismo e pelo racismo estrutural, construíram espaços de poder e protagonismo no samba. Impossível não pensar nela sem lembrar das “tias” baianas que, no início do século XX, estabeleceram as bases do que viria a se tornar o samba urbano. E nesses mais de 60 anos de carreira, Tia Surica não apenas cantou e desfilou, mas educou, acolheu e inspirou.

Toda essa história de amor em tons de azul vai ser contada na série “Tia Surica – A

Matriarca do Samba”, um projeto que prevê oito episódios dedicados a explorar sua trajetória, sua relação visceral com a Portela e com a preservação da cultura afro-brasileira. A produção, que se encontra em fase de captação de recursos, promete ser um mergulho profundo na memória viva do samba carioca, registrando depoimentos, imagens históricas e performances que atravessam décadas. Os dois últimos episódios vão registrar uma viagem que a sambista fará a Portugal. “Já me apresentei na França, na Itália e em outros países, mas conhecer Portugal é um sonho que tenho e os sonhos a gente persegue”, ensina.

Aos 85 anos, Tia Surica permanece ativa, participando de eventos culturais e culinários, ensaios e rodas de samba. Sua presença nos barracões da Portela e nas ruas de Oswaldo Cruz e Madureira assegura que a cultura popular segue viva como nunca.

Novos jeitos de ouvir Caymmi

Pianista Adriano Grineberg finaliza projeto dedicado ao compositor baiano com álbum que mescla tradição e releitura contemporânea

Por **Affonso Nunes**

A poesia do mar encontra nova respiração. Adriano Grineberg, pianista, cantor e pesquisador de sonoridades, acaba de lançar “Uma Ode a Dorival Caymmi”, trabalho que encerra um ciclo de imersão nas canções praieiras do compositor baiano. O disco, já nas plataformas digitais, é para o artista um desdobramento de “Eufótico”, álbum lançado no início de 2024 e inteiramente dedicado ao universo caymmiano.

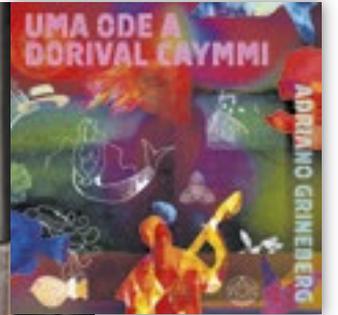
“Caymmi sempre falou da vida com a delicadeza de quem escuta o vento. Suas canções são como águas que mostram, que acolhem, que ensinam o tempo de cada coisa”, reflete o

músico, ao falar do novo projeto.

Se no álbum anterior Grineberg explorou as águas calmas e transparentes do cancionário do mestre baiano, agora as melodias de Caymmi são ressignificadas. Grineberg não se contenta em reverenciar e decide recriar. O resultado são sete faixas que transitam entre o lirismo das canções de mar e uma pulsação rítmica mais incisiva numa pegada bluesy. A abertura do álbum fica por conta de “A Jangada Voltou Só”, com participação de Danilo Caymmi — filho do homenageado — nos vocais e na flauta transversal, numa espécie de bênção familiar ao projeto.

Grineberg reuniu artistas de diferentes gerações para compor o disco. Alaíde Costa, nome fundamental da bossa nova, empresta

Júlia Magalhães/Divulgação



Divulgação

Em “Uma ode a Dorival Caymmi”, Adriano Grineberg propõe um conversa original com as canções praieiras de gênio baiano

delicadeza a “Quem Vem pra Beira do Mar”. Já Lazzo Matumbi traz energia e alegria em “Samba da Minha Terra”, enquanto Nasi, vocalista do IRA! e com quem Grineberg trabalhou por anos, confere tom grave e dramático

à “Canção da Partida”.

Ao fundir o mar de Caymmi com a linguagem do blues e outras sonoridades, Grineberg demonstra como a tradição permanece viva ao dialogar com os novos ares.

UNIVERSO SINGLE

PO R **AFFONSO NUNES**

Ivete no samba

A rainha do axé caiu no samba. Depois de lançar o álbum “Ivete Clareou (Ao Vivo)”, só de sambas, Ivete Sangalo chega com o single “Meu Lugar”, o maior sucesso do saudoso Arlindo Cruz (1958-2025). A faixa integra o projeto “Elas Cantam Arlindo”, que celebra o legado do compositor. A faixa, produzida por Liminha e Radamés Venâncio, é um hino de amor bairro do sambista. O projeto reúne as principais vozes femininas da música brasileira para homenagear o trabalho deste artista cuja ausência chega fazer a gente chorar.

Divulgação

Divulgação



Influências de Fela

Marcelo Falcão lança o single “Fela Kutí” com participação de Major RD. É a primeira faixa divulgada do álbum “O Legado”, que será lançado no dia 27 pelo selo Expressão Musical/Virgin Music Group. A canção homenageia o músico nigeriano Fela Kutí, criador do afrobeat, e mescla reggae, rap e groove. O álbum reúne colaborações de artistas como L7NNON, Orochi, Cynthia Luz e Toni Garrido. O trabalho marca a nova fase solo do cantor e compositor carioca, conhecido por sua trajetória na banda O Rappa, e aborda temas como ancestralidade e identidade.



Fotos/Divulgação



Homenagem a J.J. Cale

Veteranos da cena brasileira de blues, a Beale Street completa 26 anos de estrada e lança uma releitura deliciosa e envolvente de “Downtown LA”, canção de J.J. Cale, gravada originalmente no álbum “Grasshopper”, de 1982. O lançamento marca a primeira gravação da banda, agora em formato quarteto, com a chegada do gaitista Rodrigo Eberienos que se junta a Ivan Mariz (guitarra e voz), Cesar Lago (baixo) e Beto Werther (bateria). O fraseado leve do gaitista e o solo de guitarra dão um molho todo especial na versão dos blueseiros brazucas à canção de Cale, falecido em 2013.

Lyle Vincent/Divulgação



'A Mãe Obsessiva' ('Rosemead'), do realizador Eric Lin, acompanha o drama materno de uma mulher para não perder a conexão com o filho, tendo Lucy Liu em estado de graça em cena

O parto de uma consagração

Lucy Liu arrebatou corações no Egito, assim como fez em Locarno e em Nova York, à frente de 'Uma Mãe Obsessiva', que faz do 46º Festival do Cairo uma plataforma para o Oscar



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quicando com prestígio de festival em festival desde junho, quando estreou mundialmente em Tribeca, em Nova York, "A Mãe Obsessiva" ("Rosemead") vem colocando plateias do mundo todo de joelhos, a reverenciar a estonteante atuação de Lucy Liu. Impõe-se como um ímã de prêmios agora que a temporada do Oscar de 2026 está por começar. No fim de semana, a produção fez do Cairo um trampolim para mergulhar no afeto da Academia de Hollywood. A 46ª edição do CIFF, a maratona cinéfila do Egito, abraçou calorosamente esse drama sobre maternidade que pode oscarizar a estrela sino-americana de 56 anos. A realização é de

Eric Lin, um diretor de fotografia experiente que se torna, enfim, cineasta, após anos a fio de dedicação à luz no set.

"Não é necessário um monólogo na tela para expressar o que uma personagem vive, mas é preciso estar aberto, na poltrona, para as sensações que um roteiro desperta. Os silêncios da mulher que eu interpreto são mais fortes do que suas palavras", respondeu Lucy ao Correio da Manhã, em coletiva via Zoom organizada pela Golden Globe Foundation.

O papo coincidiu com a passagem do longa pelo Festival do Cairo e com o lançamento online do trailer de "O Diabo Veste Prada 2", no qual Lucy contracena com Meryl Streep e Anne Hathaway. Alçada à popularidade na versão para a telona de 2000 do seriado "As Panteras", a protagonista de "A Mãe Obsessiva" foi, na sequência, eterniza-

da como vilã, ao som de "Don't Let Me Be Misunderstood", em "Kill Bill: Volume 1" (2003). Em dezembro, Quentin Tarantino vai lançar uma versão diferente de seu cult, unindo as partes um e dois, da saga da Noiva (Uma Thurman) e Liu estará lá. Em paralelo, correrá o planisfério cinematográfico com o drama de Eric Lin, que dá voz às inquietudes de americanos de origem chinesa ou imigrantes asiáticos.

"Tem muita comédia feita com artistas da China, assim como filmes de ação, mas falta lugar para tramas dramáticas que investiguem conflitos internos. Muitas vezes as reações do povo asiático são confundidas com estoicismo por não gesticularmos tanto como outros povos. Pelo menos é o que pensamos de nós, mas temos reações muito diversas no que veem como quietude", disse Lucy.

Ela dá um passo além na carreira à frente de "A Mãe Obsessiva", que a indústria audiovisual segue a chamar pelo título americano: "Rosemead". Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a saga de Irene, imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente, Joe (Lawrence Shou) por tiroteios em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem. O enredo é perfumado de polêmica e calou fundo no coração do Festival do Cairo. "Espero que o filme gere debate, sobretudo em relação a questões que muita gente resume a problemas psiquiátricos, mas estão noutra ordem", disse Eric Lin, ao lado de Lucy na Zoom acima citada. "Eu cresci na região do vale onde filmamos e conheço bem cada espaço, cada loja".

Lucy lembra que o cineasta a levou para uma descoberta gastronômica em San Gabriel Valley:

"Eric me levou num restaurante oriental de macarrão que era ótimo. No processo de criação, o nosso montador, Joseph Krings, começou a edição pela última sequência que rodamos e foi retrocedendo na ordem do material filmado, o que nos deu um entendimento amplo do que fizemos, acerca do conflito de uma mulher que não percebe a tragédia a seu redor. O filme foi rodado como se fosse um thriller, onde você nunca sabe o que vai se passar a seguir", disse Lucy, que ganhou um troféu honorário pelo conjunto de sua trajetória na TV e no cinema no Festival de Locarno, na Suíça, onde "Uma Mãe Obsessiva" recebeu o prêmio do júri popular. "A Irene é uma solitária e, por uma série de questões culturais, não pode se expor. Perdeu seu marido, enfrenta um tumor, pode ver o seu filho em risco. Isso tudo é visto pelas pessoas ao seu redor como uma questão de saúde mental, mas ninguém verbaliza a solidão que ela enfrenta".

Sintonizado com atuações devastadoras como a de Lucy em "A Mãe Obsessiva", o Festival do Cairo oferecerá uma apoteose para a madrilinha Carmen Maura nesta segunda. Ela vai brilhar em telas egípcias na produção marroquina "Calle Málaga", de Maryam Touzani. A diva de Almodóvar vive María Ángeles, espanhola de 79 anos que mora sozinha em Tânger, no Marrocos, e aprecia sua rotina diária. No entanto, sua vida vira do avesso quando a filha chega de Madri para vender o apartamento onde sempre viveu. Determinada a ficar, María faz tudo o que pode para recuperar sua casa e seus pertences e, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade.

O CIFF segue até o dia 21.

David Lynch nas dunas do barato



Maratona cinéfila do Egito se une ao rol de mostras internacionais que celebram o legado do mítico diretor de 'Veludo Azul', morto em janeiro, exibindo o aclamado 'O Homem Elefante' e seus curtas

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde 20 de janeiro, o cinema guarda luto pela morte de David Lynch (1946-2025), abrindo espaço nos mais prestigiosos festivais do mundo para rever os cults que fizeram do diretor ser alcunhado como “o papa da estranheza”. No Brasil, seu “Mulholland Drive: Cidade dos Sonhos” (ganhador do prêmio de Melhor Realização em Cannes, em 2001) foi relançado logo após a sua partida e ficou meses a fio em cartaz. Na maratona cinéfila do Cairo - iniciada no dia 12, no Egito, com projeção de “O Último Azul” -, o legado lynchiano virou coqueluche e supera até a procura por títulos inéditos. “O Homem Elefante” (1980), que transformou o artista visual numa promessa para Hollywood, foi uma das pérolas resgatadas pelo evento egípcio. Nesta terça, seu público vai se empapucar com uma coletânea de 97 minutos das narrativas breves rodadas pelo diretor em formato curta-metragem.

Sempre de ombreiras, por alegre aversão à sensação de frio nas omoplatas, Lynch fez do cigarro seu companheiro por toda uma vida. Sua estadia na Terra estendeu-se por 78 anos e terminou onze meses atrás, sob a fricção do enfisema pulmonar que começou a inviabilizar sua permanência nos sets, por travas respiratórias. Seu imaginário, entretanto, nunca foi travado por nada, apostando no in-



O cultuado 'O Homem Elefante' levou David Lynch à fama: o longa custou US\$ 5 milhões, faturou US\$ 26 milhões e ainda emplacou oito indicações ao Oscar

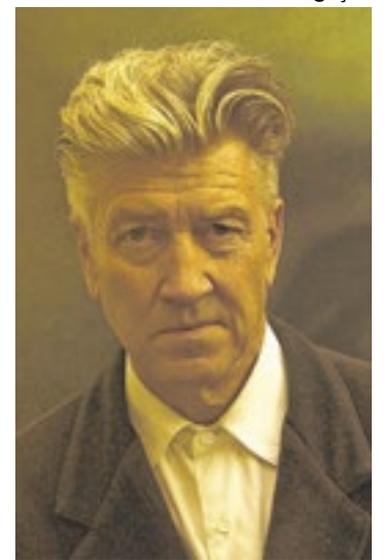
sólito ao fragmentar signos que, no senso comum, deveriam ser domesticáveis. Por isso, um casal idoso de feições fofas adquire uma perspectiva assustadora numa sequência de “Mulholland Drive”. O insólito era o dispositivo que guiava a narrativa do cineasta e artista visual americano, nascido em Montana em 20 de janeiro de 1946. Sua recente participação como ator em “Os Fablemans” (2022), de Steven Spielberg, no papel do mítico realizador John Ford (1894-1973), foi um presente para quem ansiava por recuperar contato com sua filmografia, que se alternava entre longas, vídeos, curtas (como “What Did Jack Do?”, hoje na Netflix) e a série “Twin Peaks”, um cult da década de 1990 retomado em 2017, com direito à projeção no Palais des Festivals na Croisette. Havia um outro seria-

do, “Unrecorded Night”, entre os projetos que sua fraqueza pulmonar encerrou, interrompendo uma filmografia coroada com a Palma de Ouro por “Coração Selvagem” (1990).

Quando Lynch estreou na direção de longas, em 1977, com “Eraserhead”, o audiovisual dos EUA curtia os momentos finais da centelha revolucionária chamada Nova Hollywood, a onda que renovou a maneira de se filmar por lá, a partir 1967, engajando a indústria cinematográfica num questionamento de práticas moralistas. Faziam parte desse bonde Martin Scorsese, Brian De Palma, Francis Ford Coppola, Elaine May, George Lucas e o já citado Spielberg, que tinham uma mirada de revisão simbólica da América. Na reta final, despontaram vozes autorais

que se preocupavam com as entranhas desse país de ambição (e ego) continental: John Waters, John Carpenter e Lynch, catapultado ao estrelato com “O Homem Elefante”, no alvorecer da década de 1980. Ali, já era possível notar seu apreço por vivências não convencionais e hábitos estranhos, o que entrou em erupção pela primeira vez em “Veludo Azul”, recompensado com uma indicação ao Oscar.

Formalmente mais coeso com as estruturas narrativas do cinema anglo-saxônico do que seus títulos posteriores, “O Homem Elefante” custou US\$ 5 milhões e faturou cerca de US\$ 26 milhões, conquistando oito indicações ao Oscar, contando com um Anthony Hopkins em início de carreira. Ele interpreta Frederick Treves, cirurgião do Hospital de Londres no século



Lynch morreu em janeiro, deixando como legado uma das obras mais estudadas do cinema moderno

XIX, que encontra John Merrick (1862-1890), um artista (ou, mais precisamente, uma “atração”) de circo desfigurado e aparentemente mudo, em um espetáculo vitoriano de aberrações. Chefe do rapaz, o empresário Sr. Bytes, o brutal mestre de cerimônias de um freak show (vivido por Freddie Jones), conta histórias chocantes de como paquidermes agrediram sexualmente a mãe de Merrick para criar um monstro meio humano. Na esperança de ganhar notoriedade com uma descoberta médica, Treves paga a Bytes para levar Merrick ao hospital para exames, usando um capuz para discrição. Aos poucos, uma relação de afeto se firma.

No início desta década, uma das mais provocativas criações de Lynch, sua adaptação (finalizada em 1984) do romance de tom sci-fi “Duna”, de Frank Herbert (1920-1986), ganhou sobrevida, a reboque da nova versão desse tratado literário da fantasia feita por Denis Villeneuve. Na época de seu lançamento, as liberdades estilísticas do realizador chocaram plateias, mas hoje ele só angaria novos fãs.

O Festival do Cairo segue até o dia 21, quando “A Voz de Hindi Rajab” encerra a programação. Na competição oficial, o título mais badalado entre os concorrentes à Pirâmide de Ouro já exibidos é “The Silent Run”, de Marta Bergman, da Bélgica.

Divulgação

Divulgação

ENTREVISTA / GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO, ESCRITOR, IMORTAL DA ABL E PROFESSOR DA UFRJ

'A juventude lê pouco, muito pouco'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Considerado pela crítica um dos exercícios de maior visceralidade da obra do catarinense de Blumenau Godofredo de Oliveira Neto, "A Ficcionista" ganhou tratamento editorial primoroso e chega às livrarias nacionais com direito a sessão de autógrafos na noite desta segunda-feira, a partir das 19h, na Livraria da Travessa de Botafogo.

A trama parte de em escritor em busca de histórias, de ideias, de fatos, de vida. Do outro lado do ringue da invenção, encontra-se uma mulher com a vontade de potência em ponto de ebulição. Com hora marcada, por um valor combinado, os dois estabelecem uma espécie de acordo. Nasce uma fricção entre escritor e personagem. Durante dez dias, registra-se, no convívio deles, a luta entre factualidade e verossimilhança, desejo e delírio, relato e devaneio. Há lugar para drogas, messianismo, assalto, polícia, música, sexo, espiritualidade, loucura e morte nas trocas que se estabelecem, gerando um grande livro, aliás, mais um na bibliografia de um escritor e professor da UFRJ que virou imortal da Academia Brasileira de Letras tanto por sua esgrima com o verbo quanto por seu inestimável préstimo ao ensino público. Só "O Bruxo do Contestado" (1996), a obra-prima de Godofredo - com aroma de Euclides da Cunha, mas identidade própria - já bastaria pra que ele fosse "imortalizado". Mas ele segue escrevendo, cada vez mais fomento de (re)invenção.

Aos 74 anos (46 deles vividos no Rio), Godofredo tem planos de oferecer à pós-graduação da Faculdade de Letras, no Fundão, no semestre que vem, um curso de Literatura e Cinema. Vai passar por Machado de Assis, pelo já citado Euclides de "Os Sertões", por Graciliano Ramos, por Cruz e Souza. São "amigos imaginários" que o educador mantém a seu lado há décadas, na sala de aula e no escritório onde fabula, num afeto longo pela arte da leitura. Arte que ele transformou em profissão depois de lançar pérolas como "Pedra de Santo" (1997), "Menino Oculito"



Divulgação

“Criar ficção e ouvir ou ler ficção dos outros faz parte da vida, como se alimentar e hidratar”

(2005), "Grito" (2016) e "O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch" (2023).

O papo a seguir antecipa que ficção ele busca criar para empolgar a juventude.

De que maneira "A Ficcionista" se articula com a sua trajetória literária e o que

esse livro apresenta de investigação sobre os poderes analgésicos da ficção?

Godofredo de Oliveira - O leitor/a leitora busca sempre um ato de comunicação literária. A obra de ficção pode ser lida como um pianista lê uma partitura. Se esse leitor não souber o solfejo, ele não precisa saber, a

narrativa o vai empurrando para uma leitura, não necessariamente a mesma lida por todos. "A Ficcionista" vai provocar questões quanto à verdade, ao real e à ficção. O livro, acabará, pela sua arquitetura, provocando o leitor a se dar conta que a ficção não imita o real, antes compete com esse real.

Em seu processo de escrita... seja no ensaio ou na prosa literária de ficção... que componentes de pesquisa norteiam o seu olhar?

O que me dirige é a constatação de que tanto a narrativa ficcional quanto a histórica são, para quem lê, maculadas por pensamentos internos ideologizados e psicanalíticos. O/A historiador/a e o/a ficcionista lutam com vigor para a isenção do leitor/a.

Qual foi o livro que fez o senhor amar os livros? Existe algum livro do qual o senhor não se liberta nunca, por reverência e por dívida artística?

"Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Madame Bovary" e, atualmente, "A Hora da Estrela".

Existe uma ideia de Brasil consciente para o país que transpira na sua literatura? Que brasilidade é a sua?

Sempre um Brasil consciente, mas tentando fazer de um jeito que a literatura nunca perca a sua autonomia... nunca. Por exemplo, quanto a personagens negros, tentando assim contribuir para uma nação coesa e democrática: a personagem Antônia Casamança, em "O Bruxo do Contestado"; o Lázaro, no "Amores Exilados"; o negro Tião, do romance "Marcelino" e Luigi, no meu recente "O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch", que vai abraçar o movimento negro na sua volta dos Estados Unidos. Eles são todos personagens que apaziguam a narrativa, têm pés no chão e lutam. É também a minha luta por um país mais justo e livre.

No seu ofício de escritor e de professor, como o senhor avalia a relação do mercado editorial brasileiro hoje com quem escreve e com quem lê?

A notícia boa é que o e-book não matou o livro em papel, como se temia. Mas a juventude lê pouco, muito pouco, e as escolas, em geral, deixaram de ter o paradigmático como fundamental e obrigatório no ensino, e não apenas como um capricho. Isso é dramático. Criar ficção e ouvir ou ler ficção dos outros faz parte da vida, como se alimentar e hidratar.

Dois personagens traumatizados se encontram isolados na neve em drama que investiga possibilidade de cura através do confronto

Congelados por traumas

Andre Nicolau/Divulgação



'Alaska' é a primeira montagem de Cindy Lou Johnson no Brasil

Nesta segunda-feira (17) o Teatro Gláucio Gill recebe apresentação única de "Alaska", uma investigação poética sobre trauma, isolamento e a possibilidade remota de cura através do encontro forçado. Escrita pela dramaturga estadunidense Cindy Lou Johnson, a peça ganha montagem com direção de Rodrigo Pandolfo, que também protagoniza o espetáculo ao lado de Louise D'Tuani. O trabalho integra o Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias, que celebra os 60 anos do teatro em Copacabana.

A trama se passa no estado do Alaska durante uma nevasca. Henry (Pandolfo) é figura solitária surpreendida por batida insistente à porta de sua cabana. Quem chega é Rosannah (D'Tuani), jovem vestida de noiva que após dirigir ininterruptamente por semanas entra e se instala ali. Ambos estão feridos pela vida, fugindo de relacionamentos,

compromissos e responsabilidades. Presos no mesmo espaço-tempo, longe de tudo e todos, são obrigados a conviver com suas verdades.

Segundo Pandolfo, a peça investiga cura. "Dois personagens que estão congelados pelos seus traumas a ponto de procurarem algu-

ma forma de isolamento que os prive de viver em sociedade", explica o diretor. "Neste lugar solitário e gelado, eles vão se desvendando e se aproximando. Eles se afetam, numa relação de atração e repulsa." A relação do casal se passa em tempo-espaço indefinido, funcionando

como metáfora para esse encontro profundo que pode resultar em salvação mútua.

O cenário exhibe chão coberto de neve, tronco de madeira, fôgo e baú — espaço fumacento, quase onírico, onde Henry e Rosannah acessam memórias, lembranças e confusões sobre seus traumas. "No texto há referências sobre um apagão branco, sobre a queda da neve, sobre um céu da mesma cor que o chão, dando a impressão de que as personagens voam, mas que ao mesmo tempo são atingidas pela gravidade", comenta Pandolfo. "Esse apagão branco pode ser lido como a paralisação em que eles se encontram."

Esta é a primeira experiência dirigindo e atuando. "Está sendo ótima, mas também desafiadora — para ter essa visão do todo, me envolvo em dois tipos de ensaio — o ensaio para direção e outro para atuação", conta. Sua trajetória inclui indicações ao APTR, Prêmio Ítalo Rossi e participações em produções dirigidas por João Fonseca e Aderbal Freire Filho.

SERVIÇO

ALASKA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
17/11, às 20h | R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Reflexões sobre o riso

A comédia "Você Ri de Quê?" do Grelo Falante está em cartaz até o dia 30 na Sala Multiuso do Sesc Copacabana. Carmen Frenzel e Tamires Nascimento protagonizam uma sessão de terapia em grupo onde se discutem os limites do humor na atualidade. A palhaça Rodopianna, em crise criativa, lança um livro e questiona: do que ainda se pode rir? A montagem propõe uma reflexão sobre o papel do riso na sociedade contemporânea, com participação ativa da plateia no debate.

Daniel-Barboza/Divulgação



Divulgação

Jogos psicológicos

Em cartaz até o dia 25 no Teatro Candido Mendes, "Jazigo Incandescente", com texto, direção e atuação de Paulo Bond Simões, apresenta um jogo psicológico que explora os limites entre verdade e ficção. A história acompanha uma jovem (vivida por Marina Caldas) que, ao analisar fotografias, suspeita que um homem declarado morto esteja vivo em Belgrado. Durante uma noite, o encontro entre os dois personagens revela memórias contraditórias e questões sobre identidade. A montagem investiga temas como a construção da memória e as ambiguidades da percepção da realidade.



Divulgação

Mitologia satirizada

Em cartaz até 28 de novembro no Teatro Henriqueta Briebe, na Tijuca, a comédia "Bosque das Delícias", de Flavio Freitas, apresenta uma releitura satírica da mitologia grega, com paródias de canções da Jovem Guarda e interação com o público. A trama acompanha Hedonê em busca de uma fonte da juventude para salvar sua mãe, a princesa Psiquê, que envelhece após Zeus não cumprir a promessa de torná-la imortal. A montagem incorpora elementos de metalinguagem através das intervenções cômicas do contrarregra durante a apresentação.

Nelsons e Joaquins

Tudo indica que há no firmamento, um anjo carimbador, que determina quem na Terra vai ser genial. Tudo muito bem planejado, pesquisado e sacramentado.

Esses querubins fazem uma espécie de separação, na linha de montagem, quando do acabamento para despacho por meio das cegonhas. Fica lá timbrando a bundinha dos bebês, cujo cabedal intelectual tem primazia e vai dar mostra à que veio no planeta azul. Mas, como os identificam quando por cá são entregues pelas aves da ordem dos ciconiformes? Pelos nomes. Já há um 'combinemos' que Joaquim e Nelson são a designação para genialidade.

São jornalistas, intelectuais, líderes, revolucionários... muitas das vezes, tudo isso e mais um pouco junto e misturado, numa fórmula químico-físico-matemática que dá incrivelmente certo, aquela geleia geral que todos já estão crentes em saber

Basta dar uma olhada na história, que não precisa ser tão profunda, para identificá-los. Na turma dos Joaquins temos:

Joaquim Pedro de Andrade, o genial cineasta de "Macunaíma", baseado na obra homônima de Mário de Andrade, considerado pela Abraccine um dos melhores 100 filmes brasileiros e "Garrincha, Alegria do Povo".

Joaquim Manuel de Macedo médico e romancista, não necessariamente nesta ordem, autor de "A Moreninha". Era também jornalista, orador, professor de geografia e história do Brasil no Colégio Pedro II, fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e da revista "Guanabara".

Já na turma dos Nelsons se destacam:

Nelson Falcão Rodrigues. Escritor, jornalista, romancista, dramaturgo, teatrólogo, contista, frasista e cronista. Suas tiradas e frases geniais estão marcadas para sempre. "Os idiotas vão tomar conta do mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos!" sentenciou.

Nelson Rolihlahla Mandela. De preso político, por 27 anos julgado injustamente por traição, a presidente da África do Sul e Nobel da Paz. Defendeu a democracia, as liberdades individuais, a justiça para todos os direitos humanos e a não segregação racial.

Nelson Pereira dos Santos. Fundador do Cinema Novo, adaptou obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos para o cinema. "Vidas Secas" é o filme brasileiro mais premiado em todos os tempos. Sua filmografia é impecável onde se destacam: "Rio, 40 Graus", "Rio, Zona Norte", "Boca de Ouro", "Como Era Gostoso o Meu Francês", "O Amuleto de Ogum" e "Tenda dos Milagres".

Fiquei pensando, qualquer dia um anjo apumado é capaz de dizer: "Vai, Joaquielson! Ser droite na vida".

